

A PERCEÇÃO DO TEMPO E DA HISTÓRIA NAS PROFECIAS ASSÍRIAS

Francisco Caramelo

Os Mesopotâmios revelavam um interesse muito grande pelos acontecimentos passados. Esse interesse manifestava-se, designadamente, através da recolha, do registo e da cópia de documentos de reinados e de séculos anteriores, para já não falarmos de textos clássicos que continuavam a ser *recebidos*¹ ao longo de várias gerações. Chegaram até nós as listas cronológicas e genealógicas, as listas dinásticas e as de epónimos; copiaram-se os textos clássicos, como os mitos cosmogónicos, os textos sapienciais, os hinos e as orações, e outros; coleccionaram oráculos de adivinhação e oráculos proféticos; nas escolas, os aprendizes da arte do escriba copiavam e utilizavam na sua instrução cartas reais, guardadas nos arquivos do palácio ou do templo; as inscrições reais e o género analítico registavam os mais notáveis feitos militares e os actos políticos mais decisivos dos soberanos, manipulando a história de acordo com a ideologia dominante².

Esta devoção pelo passado ia desde o registo de acontecimentos históricos à compilação dos oráculos de adivinhação e proféticos que, embora revelando o futuro, eram agora um testemunho da dialéctica permanente entre o mundo divino e o terreno, procurando conferir tranquili-

¹ A recepção destes textos reflecte os diferentes contextos culturais, políticos e religiosos.

² Vd. Jean-Jacques Glassner, *Chroniques Mésopotamiennes*, Paris, Les Belles Lettres, 1993, pp. 34-40.

dade e lógica ao entendimento que o homem mesopotâmico tinha sobre o fluxo do tempo e da história. Finalmente, a *recepção* e actualização dos textos religiosos mais importantes, sobretudo os mitos cosmogónicos clássicos, adaptados às teologias locais, estendiam este desejo de compreender o tempo e o devir histórico até às próprias origens e criação.

Na época neo-assíria, e sobretudo no reinado de Assurbanípal³, tornou-se mais intensa esta curiosidade e este interesse pelo passado que se traduziam na procura de antiguidades e na recolha e cópia de textos antigos. Esta quase obsessão terá tido a ver com a personalidade do próprio soberano, a quem são atribuídas algumas preocupações intelectuais e culturais, mas também com a procura de raízes e de referências civilizacionais numa época em que a Assíria se tornara um extenso império, procurando encontrar no passado o testemunho da continuidade e da permanência que serenassem a ansiedade que o presente e o futuro produziam no homem mesopotâmico.

É notória, por conseguinte, a atenção que os mesopotâmios prestavam ao passado. Mas que ilações retiravam dessa análise? Antes disso. Que perspectiva tinham do passado? Como entendiam o fluxo do tempo? Será interessante começarmos por uma observação de carácter semântico. O tempo passado ou a expressão “outrora” encontram correspondência em acádico em termos como *pānānu* ou *mahru*, cujo significado literal é “diante”. Esta expressão traduzia um sentido mais temporal, como “anteriormente” ou “outrora”, e também um sentido de espaço, como “diante” ou “perante”. Pelo contrário, a ideia de futuro encontrava correspondência no termo *warkātu* que literalmente significava “o que está atrás”, traduzindo igualmente um sentido mais temporal, como “depois” ou “em seguida”, e um sentido de espaço, como “atrás”⁴.

Em suma, é exactamente o contrário da percepção espacial que temos de passado, como algo que ficou para trás, e de futuro, como algo que está à nossa frente. Neste sentido, tem uma certa lógica a perspectiva com que o homem mesopotâmico representava o fluxo do tempo, suge-

³ Vd. E.A. Speiser, “Ancient Mesopotamia”, in Robert C. Dentan (ed.), *The Idea of History in the Ancient Near East*, New Haven, American Oriental Society, 1983, p. 47.

⁴ A propósito desta questão semântica, vd. Jean-Jacques Glassner, *op. cit.*, p. 24 e Dietz Otto Edzard, “La vision du passé et de l’avenir en Mésopotamie. Période Paléobabylonienne”, in AAVV, *Histoire et Conscience Historique dans les Civilisations du Proche-Orient Ancien*, Leuven, Éditions Peeters, 1989, p. 157.

rindo que o futuro, entendido como algo que fica atrás de nós, é o desconhecido, o obscuro, enquanto que o passado, aquilo que está diante de nós, é o visível, o conhecido, o que é mais ou menos claro para nós. Avançaríamos, pois, para o futuro como que sentados na última carruagem de um comboio e de costas, em que o que nos é dado ver é a paisagem pela qual passámos e não aquela por onde iremos passar. Trata-se, por conseguinte, de uma concepção a que não é estranha uma certa representação espacial do tempo. O homem mesopotâmico tinha, provavelmente como nós, necessidade de visualizar o tempo nos seus contrastes e nas suas coordenadas para que ele assumisse alguma inteligibilidade.

Discute-se, com frequência, se a concepção de tempo na Mesopotâmia assentava num modelo de representação linear ou se, pelo contrário, esse modelo era circular e cíclico. Na verdade, tempo linear e tempo cíclico coexistem⁵. O primeiro é mensurável em dias, meses e anos. Os registos históricos que os Assírios e os Babilónios compunham, como cronologias, listas de epónimos, listas reais, anais e inscrições reais, traduziam, no fundo, esta concepção. *Darû* exprime essa continuidade e duração que emanam da linearidade do tempo e dos respectivos acontecimentos. O interesse pelo passado e pelo registo histórico configuravam a memória longínqua de um tempo que se estendia até ao presente. Estas listas e narrativas permitiam testemunhar a coerência dessa memória e a permanência dos alicerces fundamentais da organização humana e terrena, sustentada pela ordem divina. Os reinados sucediam-se uns após outros, mas conservando sempre uma certa linha de continuidade que permitia encontrar na sucessão dos eventos uma lógica ininterrupta. No plano político e ideológico, o registo histórico dos acontecimentos mais marcantes do reinado pressupunha a sua inscrição na longa duração, legitimando-o e justificando as ambições do soberano. Reflectia a convicção de que a actualidade consistia no desenvolvimento lógico e linear do passado, uma sequência que apreciava a continuidade e receava a ruptura. Mesmo quando esta ocorria, o grande esforço ideológico ia no sentido de reconstruir essa linearidade e de retomar a continuidade.

O segundo modelo é o do tempo cíclico. Esta concepção era inspirada, designadamente, na própria observação da natureza e dos seus ciclos. Era também o tempo mítico, representado e encenado nos ritos, nas cerimónias e nos grandes festivais religiosos. O homem mesopotâ-

⁵ Vd. Jean-Jacques Glassner, *op. cit.*, p. 24.

mico vê a história estruturada em ciclos que implicam a aparente repetição mas também a ruptura que marca o fim de um ciclo e o princípio de outro. Esta seria, porventura, a percepção mais comum que o homem mesopotâmico tinha do devir histórico. Não chega verdadeiramente a existir incompatibilidade entre estes dois modelos. Ambos coexistem e podemos mesmo dizer que se complementam.

Na Mesopotâmia, vive-se, provavelmente, um processo de transição no que diz respeito à percepção do tempo. Estamos perante uma realidade que não aceita bem o que é novo⁶ e que, pelo contrário, procura no passado exemplos que ajudem a compreender e a justificar o presente, mas também a esperar com tranquilidade o futuro. Assim, não se verificando a exaltação de uma ideia de progresso, também não podemos afirmar que os Mesopotâmios viviam na ilusão de uma encenação repetitiva e perpétua da história. Em vez de repetição, devemos pensar em analogia⁷. Procura-se no passado a analogia com o presente, que ajuda a aceitar a actualidade e a justificá-la. Estas analogias demonstram a aparente circularidade do tempo que impressionam o homem mesopotâmico e sustentam a percepção de ciclos históricos.

O pensamento mesopotâmico oscila, por conseguinte, entre estes dois modelos e entre a noção de permanência e a de evolução. Este conceito de evolução e de mudança provoca alguma inquietação, mas reflecte também a consciência de que a história é dinâmica. Daí que se procurem analogias históricas capazes de incutir serenidade quanto ao futuro e que legitimem o presente.

A proposta que agora fazemos consiste na análise das profecias neo-assírias, relativas aos reinados de Assaradão e de Assurbanípal, os últimos grandes soberanos assírios do séc. VII a.C. Apesar de as profecias estarem sobretudo orientadas para um tempo prospectivo, são evidentes o interesse e a preocupação com o passado. Este é, no entanto, sugerido de forma vaga, procurando-se projectar a analogia com o presente, de maneira a tranquilizar quanto ao futuro.

A formulação de algumas declarações apresenta, geralmente, uma estrutura bipartida. Numa primeira parte, alude-se ao passado, recorrendo ao pretérito. Numa segunda parte, anuncia-se o futuro, utilizando o pre-

⁶ *Ibidem*, p. 26.

⁷ *Ibidem*, p. 27.

A Percepção do Tempo e da História nas Profecias Assírias

sente ou imperfeito⁸. Na primeira parte, regista-se uma interpelação sob a forma de uma pergunta. Na segunda parte, verifica-se uma promessa. Observemos alguns exemplos significativos:

- A) “Que vento se levantou contra ti, cuja asa eu não tenha quebrado?
- B) Os teus inimigos rolarão aos teus pés como maçãs maduras.”⁹

Na primeira parte, questiona-se o passado. Na segunda parte, sugere-se a analogia com o futuro. Podemos notar ainda que este enunciado contém metáforas cujo conteúdo pode sugerir e subentender também uma reflexão sobre o tempo. Assim, o vento constitui aqui uma metáfora que traduz a instabilidade, a desordem, a agitação. Trata-se de uma ameaça à ordem e à permanência. A deusa Ištar recorda ao destinatário da profecia, que é o próprio rei, seu protegido, que sempre interveio em seu favor nos momentos de agitação observados no passado. Essa agitação ameaça quebrar a continuidade do tempo de ordem. O passado surge, por conseguinte, como referência de confiança e de serenidade relativamente ao presente.

Paralelamente, a promessa de que a deusa intervirá e de que os inimigos do rei rolarão aos seus pés como maçãs maduras significa que a sua intervenção ocorrerá no momento certo, no tempo adequado. A alusão à maçã madura constitui uma outra metáfora, traduzindo, desta vez, a ideia de um inimigo indefeso, desapoiado, que, chegado o momento certo, cairá naturalmente aos pés do rei, o eleito da deusa. Corresponde, por outro lado, à ideia de que não é exigido qualquer esforço ao rei no combate com as forças que pugnam pela desordem. A deusa lutará por ele e a colheita do fruto ocorrerá naturalmente. A deusa decide o destino dos beligerantes e marca o tempo de acordo com a sua vontade. Este tempo transcende, pois, o próprio soberano e parece, por vezes, ganhar contornos escatológicos. Efectivamente, esta segunda parte constitui uma promessa divina que é consolidada pela referência ao passado. A alusão ao passado confere credibilidade ao anúncio do futuro. Assim, passado e futuro, olhados a partir do presente, surgem logicamente associados, afirmando, simultaneamente, a convicção de que o essencial permanece.

Analisemos agora um segundo enunciado bipartido:

⁸ Forma verbal que traduz gramaticalmente o presente ou o futuro.

⁹ SAA IX 1.1. SAA IX designa Simo Parpola, *Assyrian Prophecies*, Helsinki, Helsinki University Press, 197.

- A) “Que palavras é que eu pronunciei nas quais tu não pudesses confiar?”
B) Eu sou Ištar de Arbela. Esfolarei os teus inimigos e entregar-tos-ei.”¹⁰

Também aqui temos uma primeira parte de recurso ao passado e uma segunda parte de promessa e de projecção no futuro. A primeira parte manifesta o poder, a credibilidade e a irreversibilidade da palavra divina. O que a deusa diz inspira confiança e dá garantias de realização. Seguidamente, temos uma fórmula de identificação que não aparecia no primeiro exemplo. Finalmente, surge-nos a promessa em que, mais uma vez, se manifesta a iniciativa divina e a inoperância do rei que, passivamente, se limita a ser o beneficiário directo da intervenção de Ištar. É a mesma passividade que descrevemos a propósito do primeiro exemplo.

Em ambos os exemplos se pretende tranquilizar o destinatário da profecia, estabelecendo a relação, sugerindo a analogia, entre o passado e a projecção do futuro. A culminar estes dois exemplos, será interessante analisarmos esta outra passagem:

- A) “Que inimigo te atacou tendo eu ficado em silêncio?”
B) O futuro será como o passado.”¹¹

Estamos, mais uma vez, perante o mesmo tipo de estrutura, isto é, pergunta e promessa. Também encontramos aqui o mesmo género de alternância dos tempos verbais: pretérito e presente/imperfeito. Na primeira parte, a divindade pergunta ao rei se alguma vez permaneceu em silêncio diante de uma ameaça ao seu protegido. Obviamente que a resposta subentendida é não. As perguntas que temos estado a destacar funcionam, de certa forma, como perguntas retóricas. De qualquer modo, o silêncio representaria inacção. A ausência de comunicação significaria a inexistência de apoio divino. Há, pois, uma dimensão performativa no discurso divino: “Eu sou alguém que diz e faz”¹². Esta declaração é feita por antítese com a atitude da humanidade que não é digna de confiança¹³.

O futuro é aqui, tal como já vimos anteriormente, *urkiúte*, isto é, o

¹⁰ SAA IX 1.1.

¹¹ SAA IX 1.4.

¹² SAA IX 2.3.

¹³ SAA IX 1.4 e 2.3.

que está atrás, o que é desconhecido; o passado, *paniute*, é o tempo que se apresenta diante de nós, o que pode já ser conhecido pelo homem. O deus, Nabû, promete a Assaradão, o rei, que o futuro não trará novidades. Trata-se, pois, de uma visão algo conservadora da história e do fluxo do tempo; a mudança, o novo, são de certa forma receados. O deus promete a permanência, a continuidade.

Evidentemente que a percepção sobre o devir não era acessível ao homem sem a intervenção divina. Só o deus podia revelar, fazer luz sobre o futuro. Sendo o rei o destinatário destas profecias, protegido, favorito e escolhido pelos deuses, é natural que ele seja o tema fundamental e que as referências ao fluxo do seu tempo de vida sejam também abundantes. Um momento importante é o nascimento do soberano que é descrito como tendo ocorrido na presença de sessenta deuses que o protegem¹⁴. Não deixa de ser referido, apesar disso, que a mãe é humana¹⁵. Outro momento importante é o da sua eleição: “Quando eras pequeno, escolhi-te para mim”¹⁶. O rei é escolhido pelos deuses para desempenhar uma missão. O exercício do poder é em nome da divindade e em sua representação, garantia de que a ordem terrena deriva de uma ordem mais elevada, uma ordem cósmica. A percepção desta ordem assenta naturalmente na totalidade, na unidade, no sentido do todo:

“O céu e a terra estão bem; Ešarra¹⁷ está bem; Assaradão, rei da Assíria, está bem.”¹⁸

A expressão “o céu e a terra” é um merisma e significa precisamente essa totalidade. O rei, como paladino da divindade suprema, é o garante dessa ordem. Apresenta traços messiânicos no seu perfil e na forma como é descrito nas profecias, nos hinos e nas inscrições reais:

“Aššur deu-lhe a totalidade das quatro regiões. Do nascente ao poente, não há rei semelhante a ele; ele brilha de forma tão resplandecente como o sol.”¹⁹

¹⁴ SAA IX 1.4. Os sessenta deuses expressam a totalidade do mundo divino.

¹⁵ SAA IX 1.4.

¹⁶ SAA IX 1.4.

¹⁷ Templo do deus Aššur na cidade de Aššur.

¹⁸ SAA IX 3.1.

¹⁹ SAA IX 3.2.

Outras referências ao nascimento e à infância do rei sugerem a participação da deusa como parteira e como ama²⁰, o que traduz a relação muito próxima e íntima que existe entre a divindade e o seu protegido. Esta intimidade tão intensa torna secundária a participação dos pais humanos:

“Sou o teu pai e a tua mãe. Criei-te entre as minhas asas; assistirei ao teu sucesso.”²¹

O discurso de promessa, enunciado pela divindade, garante ao rei “longos dias e anos duradouros”²². Trata-se de uma promessa de longevidade, de durabilidade, em que a expressão “estabeleci o teu trono sob o imenso céu”²³ era uma forma poética de demonstrar a perenidade da sua realeza.

Paralelamente, este discurso de promessa envolve a protecção divina permanente:

“Aniquilarei quaisquer inimigos que tenhas. Quanto a ti, fica no teu palácio; reconciliarei a Assíria contigo. Proteger-te-ei de dia e de noite e consolidarei a tua coroa.”²⁴

A promessa aponta obviamente para um tempo futuro e garante a permanência do auxílio divino. Todavia, a promessa vai, por vezes, para além do tempo de vida do próprio rei, projectando-se num futuro mais longínquo, prevendo já os reinados que se seguirão. Acontece, por exemplo, num oráculo cujo conteúdo nos faz lembrar 2 Sam. 7 e o oráculo de Natan: “O teu filho e o teu neto reinarão como reis no colo de Ninurta”²⁵. Trata-se de uma promessa dinástica que, por conseguinte, ultrapassa o tempo imediato ou mesmo o âmbito da vida e do reinado do soberano, assegurando que a permanência observada no passado e no presente persistirá até mesmo num futuro mais longínquo.

As referências aos inimigos do rei, forças que ameaçam a ordem terrena, são frequentes. Quem são estes inimigos? As alusões são, por vezes, muito concretas e, outras vezes, muito vagas. O contexto histórico da

²⁰ SAA IX 1.6.

²¹ SAA IX 2.5.

²² SAA IX 1.6.

²³ SAA IX 1.6.

²⁴ SAA IX 2.3.

²⁵ SAA IX 2.3.

produção dos oráculos permite-nos construir hipóteses mais ou menos seguras, ainda que as profecias não os identifiquem. Isto permite também arriscar a hipótese de que ao não identificar o inimigo, ao referi-lo em termos tão vagos, a mensagem divina torna-se, para além do contexto histórico, atemporal e o inimigo torna-se escatológico. Por conseguinte, quando o deus fala do inimigo, é possível que operem simultaneamente duas leituras complementares: a um primeiro nível, todos vão poder identificar de que inimigo se trata (por exemplo, os irmãos de Assaradão que procuram eliminar o príncipe na sua caminhada para o trono, após a morte violenta a que o pai sucumbiu); a um segundo nível, este inimigo assume uma dimensão escatológica.

Que poderemos então concluir sobre a percepção profética do tempo e da história? Primeiro, quanto à produção do texto. O registo e a compilação dos oráculos proféticos não podem deixar de nos mostrar um interesse pelo devir histórico que se enquadra nas nossas considerações genéricas iniciais. O editor destes textos escolheu-os porque eles, possivelmente ao contrário de outros, estavam em sintonia com a ordem estabelecida, com o decurso dos acontecimentos e com a visão dominante sobre a história.

As referências ao passado são, todavia, vagas, revelando escassos detalhes sobre os acontecimentos. Essas alusões ao passado são descritas com recurso a uma linguagem poética que tem uma única finalidade – a busca da analogia, destinada a demonstrar que o tempo histórico decorre sem sobressaltos e que quando uma crise ameaça a ordem e o fluxo normal do tempo, sob a forma de uma ruptura, a intervenção divina se revela reparadora, repondo a normalidade e a continuidade. A referência profética ao passado destina-se a tranquilizar quanto ao presente e ao futuro, porque o passado fornece exemplos de como a divindade interveio sempre que a normalidade e a ordem foram interrompidas ou ameaçadas.

Quanto ao futuro, podemos dizer que a percepção profética é também neste aspecto bastante vaga. Não tem, na generalidade, a preocupação de idealizar um futuro distante. Na maior parte dos casos que observámos, fica-se pelo horizonte de vida do rei e só num caso vai mais além, enunciando uma promessa dinástica. A previsão do futuro limita-se, pois, a prometer a continuidade da protecção divina, garantindo assim que a ordem se manterá sem rupturas graves.

O interesse pelo fluxo do tempo não sugere, por conseguinte, uma ideia de progresso. Antes parece apontar para uma visão conservadora em que se procura confirmar a convicção de que sempre foi assim para se poder continuar a confiar que sempre assim será.